

## OS DISCURSOS DOS MISSIONÁRIOS EUROPEUS

Jorge Luis Gonzaga Vieira<sup>1</sup>

Manoel Henrique de Melo Santana<sup>2</sup>

**RESUMO:** *O presente texto tem por objetivo analisar trechos de discursos missionários europeus, da pregação do cristianismo e suas práticas catequéticas, referentes aos indígenas do Brasil, cujo conteúdo se revela partidário da concepção antropológica evolucionista, condicionada pelo viés eurocêntrico. A forma de tratamento missionário para com os grupos étnicos nativos, reduzindo-os à condição selvagem, com a negação da essência humana. Em seguida, o trabalho analisa ainda, especialmente, o discurso do capuchinho francês, Frei Martinho de Nantes, que exerceu sua atividade missionária no Nordeste, particularmente nas regiões ribeirinhas do Rio São Francisco, com a pregação da necessidade de conversão das populações nativas à religião católica, advinda inicialmente com os portugueses e, posteriormente, com missionários de outros países e nações europeias.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Cristianismo. Missionários. Catequese. Indígenas. Discursos.

**ABSTRACT:** *This paper aims to analyze excerpts from European missionaries discourses, preaching of Christianity and its catechetical practices, referring to Brazil's indigenous, whose content reveals supporter of evolutionary anthropological conception, constrained by Eurocentric bias. The form of missionary treatment with the native ethnic groups, reducing them to the wild condition, with the denial of the human essence. Then, the paper also analyzes especially the speech of a French Capuchin, Fray Martin de Nantes, who exercised his missionary activity in the Northeast, particularly in areas along the São Francisco River, preaching the need for conversion of native populations to the Catholic religion, arising initially with the Portuguese and subsequently with missionaries from other countries and European nations.*

**KEYWORDS:** *Christianity. Missionaries. Catechesis. Indigenous discourses.*

---

<sup>1</sup>. Mestre em Ciências da Religião – Unicap, Doutorando em Linguística – Université Sthendal-Grenoble 3/Fr e PUC/MG, Licenciatura em Filosofia... Bacharel em Teologia... Coordenador do Curso de Teologia do Centro Universitário CESMAC, Professor dos Cursos de Letras, Pedagogia, História e Teologia do Centro Universitário CESMAC.

<sup>2</sup>. Mestre em Desenvolvimento Local (UCDB/MS), doutorando (Université Sthendal-Grenoble 3/Fr e PUC MINAS/MG), com graduação em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, e formação em Filosofia (FFJP II/RJ) e Teologia (PUC/RJ) e professor do Centro Universitário CESMAC/AL.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a concepção missionária expressa em trechos referentes aos discursos missionários da igreja católica no Brasil, especialmente os do francês Frei Martinho de Nantes, em suas pregações nas regiões ribeirinhas do Rio Francisco, junto às populações nativas. Os trechos analisados foram extraídos do livro *Formação do Leitor Brasileiro – Imaginário da Leitura no Brasil Colonial*, escrito por José Horta Nunes.

A análise fundamenta-se em uma abordagem antropológica, procurando entender os elementos econômicos, políticos, culturais, religiosos e ideológicos que condicionaram a visão da empresa colonial, transmitas através dos agentes da colonização. Nesta perspectiva, identifica-se que a matriz discursiva missionária está ligada à visão eurocêntrica e enraizada no projeto imperialista de dominação econômica, cultural e religiosa das populações indígenas.

Em seguida, a partir da análise do discurso, identifica-se na estrutura textual a formação literária de matriz europeia, veiculada aos discursos produzidos pelos agentes da colonização e evangelização. Além disso, observa-se que, nos discursos missionários, encontra-se embutido o projeto de sociedade monolítico e monocultural, com a explícita negação da diversidade étnica.

Por fim, a análise discursiva demonstra que a leitura de um texto é necessariamente contextualizada historicamente. No caso dos textos referentes ao Brasil, deve-se compreendê-los a partir das condições em que foram escritos, por quem foram escritos e o objetivo para o qual foram destinados. No cenário da colonização, identifica-se uma literatura de origem variada, mas com elementos unificadores da matriz greco-romano e cristã.

## ANTROPOLOGIA E LITERATURA: UMA PONTE NA TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO.

Os registros literários construídos nas primeiras décadas de contato dos europeus com os nativos do chamado *Mundo Novo*<sup>3</sup> se encontram em relatos históricos de viajantes, missionários católicos e evangélicos e, até, em reflexões de filósofos. Observa-se que, dependendo do ponto e dos interesses de cada um, os relatos são elaborados com algumas variantes e perspectivas.

Destacam-se nos relatos do pensamento europeu sobre as populações, três grandes vertentes. O primeiro texto sobre a população nativa encontra-se na carta de Pero Vaz de Caminha, seguido de relatos, cartas, textos e crônicas dos administradores lusitanos e os dos padres missionários. Identifica-se que os nativos são tratados nos textos, ora em uma perspectiva romântica; em outra, são selvagens; ou infantilizados, categorias que refletem a trajetória do pensamento europeu, da época Colonial aos tempos modernos.

Na análise dos textos produzidos por viajantes, missionários e representantes oficiais da empresa colonial, busca-se na fundamentação antropológica e na análise do discurso um diálogo interdisciplinar.

Na perspectiva antropológica, Everardo Rocha, ao analisar a forma de como os livros didáticos descrevem os indígenas, destaca três aspectos:

O primeiro papel que o índio representa é no descobrimento. Ali, ele aparece como 'selvagem', 'primitivo', 'pré-histórico', 'antropófago' (...) O segundo papel é no capítulo da catequese. Nele o papel do índio é de 'criança', 'inocente', 'infantil', 'almas virgens' (...) O terceiro é no capítulo 'Etnia brasileira' (...) num passe de mágica etnocêntrica, vira 'corajoso', 'altivo', cheio de 'amor à liberdade' (2000. p.17-18).

No contexto renascentista, na segunda metade do século XVI, dois franceses referem-se aos nativos ameríndios numa perspectiva diferenciada. O calvinista Jean de Léry descreve, em seu livro *Histoire d'un Voyage em La Terre du Bresil*, a paisagem tropical, seus habitantes, seus costumes e culturas. Apontando uma crítica ao eurocentrismo, quando se

---

<sup>3</sup>. Terminologia inadequada do ponto vista histórico, visto que o território encontrado pelos europeus no século XV já se encontrava habitado há mais de 50 mil anos pelos povos nativos, com suas organizações, culturas, religiões, costumes e tradições. Portanto, o termo expressa um conceito limitado a uma compreensão do colonizador.

refere à antropofagia praticada pelos indígenas, defende que determinado costume de um grupo considerado exótico, depende do lugar social e cultural de quem o julga. No mesmo período, o filósofo Michel Montagne, com a presença *Tupinambá* na França, invertendo a perspectiva do olhar curioso francês, interrogou: e eles, o que pensam de nós? (*Dos Canibais*, Ensaio, Livro I, Capítulo XXXI).

No cenário renascentista do chamado *Velho Mundo*, emergem novas ideias contrapondo-se ao período medieval, considerado o período das *trevas*<sup>4</sup>. Nesse contexto, o pensamento de Montaigne pode ser considerado, dentre a literatura da época, o primeiro a abordar a questão indígena brasileira do ponto de vista filosófico. E ainda, pondo o questionamento à concepção dos textos e documentos que relatam a paisagem e a população, tratando-os na perspectiva da beleza tropical e da selvageria dos nativos. Esta era a visão que perpassava a Europa no trato com o não *eu*, que eram pontos na condição de bárbaro.

Surpreende positivamente a questão posta. Quando o ambiente era favorável à espetacularização do grupo de cerca de 300 *tupinambás* com uma plateia estupefata diante daqueles seres considerados exóticos e selvagens, põe-se o contraponto. E seu questionamento não era aleatório, visto que o filósofo conhecia bem as mazelas e moral do seu povo, como também espoliação cultural e as guerras promovidas por seus monarcas.

A inquietação filosófica perpassa toda a trajetória iluminista e desemboca na modernidade sem a devida consideração que a mesma comporta, permanecendo a visão etnocêntrica ocidental na academia e na sociedade. No século XIX, sob a égide da cientificidade, justificado pelos princípios da objetividade científica, desenvolve-se o conhecimento antropológico, ainda impregnado e aportado na perspectiva do evolucionismo cultural.

É a partir do início do século XX em diante que a ciência antropológica toma novo rumo na construção das técnicas e métodos nos estudos das populações tradicionais, na busca do diferente ao olhar do pesquisador. Destacam-se os estudos de Radcliffe-Brown,

---

<sup>4</sup>. Denominação à Idade Média, período dominado pelo pensamento religioso, em contraposição à racionalidade iluminista, o período das *Luzes*.

Franz Boas e Bronislaw Malinowski com suas pesquisas, quando se deslocam físico e socialmente do seu lugar cultural e partem para a realidade do *outro*.

Entretanto, a produção teórica mantém-se ainda impregnada e carregada dos condicionamentos culturais do estudioso. Malinowski, em sua obra *Argonautas do Pacífico Ocidental*, lamenta que, quando a antropologia começa a se desenvolver cientificamente, as culturas nativas estão desaparecendo. Entretanto, o *outro* ainda não teve a oportunidade de falar sobre si próprio e, menos ainda, dizer o que acham de *nós*, em resposta à inquietação de Montaigne!

### **OBSERVAÇÕES SOBRE A LEITURA**

Nesse contexto, do ponto de visto teórico, compreende-se que uma leitura pode ser valorizada a partir de vários princípios, como a coerência, o prazer, a verdade, a comparação. A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social, uma vez que parte do leitor, mas social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social e à política.

Kleimam aborda a compreensão de texto escrito. Para ele, o engajamento do sujeito – leitor pressupõe a presença de um *outro*, no caso, o autor. A leitura é um ato social, entre dois sujeitos, leitor e outro, que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. (1989, p. 10). O leitor ideal para Kleimam é o leitor engajado, o leitor crítico. Um conhecimento prévio ajuda desde na compreensão do conhecimento do outro.

Como a subjetividade, o estudo da situação do contexto, ganha ênfase sob diferentes pontos de vista, no estudo de linguagem e de significações. Aqui entra Paulo Freire, que dizia: “A leitura da palavra é somente precedida da leitura do mundo” (1983, p. 8). Daí a importância atribuída por ele ao contexto.

No Brasil, as práticas de leitura estiveram, por longo tempo, predominantemente ligadas à Igreja. Atualmente, elas têm como centro de difusão a escola.

Pêcheux (1990, p 61-161) propõe, com a Análise Automática do Discurso (AAD), lançada em 1969, uma alternativa para abordagem do texto que procuram responder à questões, como. “O que quer dizer este texto?”; “que significações contêm esse texto?”; “em

que o sentido desde livro define daquele de tal outro?” Em 1975, Pêcheux alarga sua reflexão sobre o discurso, com os princípios teóricos da Análise do Discurso (AD), quando afirma que faltava na AAD - 69, (p.61-161) uma teoria do imaginário, localizada em relação ao real (PÊCHEUX & FUCHS, 1990, p. 173). Pêcheux busca uma teoria do imaginário para descrever o funcionamento do discurso (1988, p. 125). Já a interpretação só é possível para algo que é da ordem do sujeito, e não da língua, das gramáticas. (PÊCHEUX, 1984, p. 17).

Na leitura de um texto pode haver muitos pontos de entrada, correspondendo a múltiplas posições do sujeito, e muitos pontos de fuga, na relação do sujeito-leitor com os pontos de entrada, no percurso da atribuição de sentidos, “a unidade do texto não é plana, nem simétrica, nem bem-comportada e o olhar do leitor o atinge em diversos pontos. A unidade do texto, para o leitor, é fugaz” (ORLANDO, 1988, p. 113).

## **OS LEITORES NO BRASIL**

Não se pode ter um ponto de origem para o leitor brasileiro. Os discursos dos viajantes trazem uma série de elementos da memória discursiva europeia. No Brasil, os viajantes não têm uma tradição de leitura com a qual eles possam se confrontar, pois, não há discurso já instituído. A escrita dos europeus dá-se no contato com o discurso dos nativos.

O fato de já haver habitantes no país quando os colonizadores chegaram, traz algumas opções para os europeus, entre as quais se destacam duas: conquistar o país pela força, eliminando as culturas indígenas e suas memórias; ou travar relações de contato que tragam benefícios para os reinos, num processo de dominação e transformação política e cultural. As duas opções foram efetuadas, dependendo das condições políticas, sociais, economias e históricas.

Nesse contexto, a prática dos missionários traz as condições para a realização de leituras no país a partir da perspectiva do colonizador. Assim, a memória discursiva abre-se para o indígena e para os leitores no Brasil.

No caso dos missionários franceses, a empresa colonizadora visa o estabelecimento de uma colônia francesa no Brasil. Os missionários agem entre os índios para que se forme uma “boa sociedade”, com a união entre franceses e índios.

Nous soubssignez portans volontairement nos biens, et nos vies pourl' establissemnet dela colonnie Françoise, au dela de La ligne Equinoctiale pour Le service Du Roy selon l' intention de as Majesté, et La promesse quiluy a este faite par nos chefs, l' union entre nous, et Le bomgouernement entre lês Indien, qui nous puisse farie aruenir à une si loüble et genereu-se intention. Protestons de faire par ces trois actions essentieles de cette entreprise, tout CE qui dependra de nos courages, constances, observances de loix de France, obeissance, fidelité, charité, et bonne intelligence, et generalment de tout CE qui est nécessaire pour entretenir em pix et union une bonne société. (A, 21).

(Nós abaixo-assinados, dando voluntariamente nossos bens e nossas vidas em prol do estabelecimento da colônia francesa além da linha equinocial, a serviço do rei, em obediência aos desejos de sua majestade e às promessas de nossos chefes, reconhecendo que só pela disciplina, pela união e a boa conduta entre os índios, poderemos alcançar tão louvável e generoso intento, prometemos, em benefício dessas ações essenciais, fazer tudo o que depender de nossa coragem, constância, observância das leis francesas, obediência, caridade e bom entendimento e ainda tudo o mais que se faça necessário a manter em paz e união uma boa sociedade).

Os discursos dos missionários retomam elementos dos discursos dos viajantes. Mas o foco temático desses relatos é então a conversão dos índios. Relata-se o modo como essa conversão se realiza, os meios utilizados, os efeitos da conversão, os discursos de doutrinação. A figura do índio é construída na relação com a Sagrada Escritura, e, portanto, com uma identidade do leitor religioso. Mas para converter o índio, o missionário o considera antes como um aprendiz, estabelecendo uma relação dele com a escrita e colocando-o na tradição da leitura dos pagãos.

A falta de uma tradição de escrita nos moldes europeus é argumento, inicialmente, para a negação aos índios da possibilidade interpretativa. Os índios não possuem a técnica de escrita, os meios para se “designar” as coisas, fazer história e preservar a memória. A escrita é, para os europeus, o que permite o conhecimento verdadeiro das coisas - em primeiro lugar, através das Escrituras Santas; depois, pelo intermédio da ciência. Atribuindo aos índios a *ignorânciada* escrita, os colonizadores dão um estatuto aos conhecimentos deles, classificando-os como superstições, falsidades.

Et par ainsi sont fort curieux d'enseigner & reciter à leurs enfans les choses aduenuës, & dignes de memoire: & ne font les vieux & anciens la meilleure partie de la nuyt, après le reueil, autre chose que remonstrer auxplus ieunes: & de lês ouyr vous diriés que ce sont prescheurs, ou lecteurs en chaire. ( t, 102).

(E, de fato, os selvagens ensinam e recitam a seus filhos os acontecimentos dignos de memória. E nisso passam os velhos a maior parte da noite, depois

que despertam, contudo histórias aos mais novos. Vendo-as, julgareis que são pregadores ou mestres em suas cátedras).

O índio é iniciado a tradição de leitura por via do discurso didático e doutrinário, em que a experiência se encontra em segundo plano. Assim, o discurso de conversão tem como *outro* o índio, visto como alguém que vai transformar sua experiência, pelo discurso, tomando contato com as Escrituras Santas, constituindo-se como sujeito-leitor religioso.

Vendo o índio como alguém a converter, o missionário utiliza-se de conhecimentos anteriores daquele para poder introduzir os valores europeus. Diante do discurso do índio, o missionário foca pontos de identificação com o discurso religioso católico. Entre esses pontos estão: a existência do espírito, a existência de uma força superior, um conhecimento da criação, a presença de uma posição política, no caso, os chefes indígenas.

Para explicar o Novo Mundo, os missionários faziam um trabalho interpretativo totalizador, que compreende desde a descrição do globo terrestre até à organização de discursos de conversão.

A história é construída no campo religioso. A origem dos índios é buscada seja nas profecias, seja na descendência do povo de Adão, ou no Dilúvio.

Platon au liure des Conuiues, dit que les Anciens creurent que les premiers hommes furent creez iumeaux, mais la Pandore ayant descouuert La pomme de malheur furent separez: il semble que nos Indiens *Topinamba* vueillent dire la mesme chose, quand ils racontent ce que i' ay entendu dès plus Anciens d' entre eux, qu' auant le deluge, leur nation & nostre n' estoient qu' une& que nous venions tous d' um mesme pere mais qu' ils estoient les aisnez,& nous les cadets; Apres le Deluge ( ce disent-ils) nous fusmes separez ( comme il será dit en son lieu cy-apres) & faicts les aisnez, eux demeurans les cadets; Par ce que leur grand pere n' auoit pas voulu receuoir l'espée du prophete que Dieu leur auoit enuoyé.( A, 7)

(Diz Platão no “Livro dos Convivas” que os primeiros homens foram gêmeos e que se separaram quando Pandora descobriu o pomo da desgraça. Parece-me que o mesmo querem dizer os nossos índios *tupinambá* quando contam, o que ouvi dos mais velhos dentre eles, que anteriormente ao dilúvio eram uma só a sua nação e a nossa, que todos descendemos do mesmo pai mas que eles são os mais velhos e nós os mais moços. Dizem que depois do Dilúvio nós fomos separados deles e passamos a ser o mais velhos porque o avô deles não quisera receber a espada do profeta que Deus lhe enviara).

Nesse dilúvio, a “Arca Mística da Igreja Católica, Apostólica e Romana”, que se livra do dilúvio universal da danação eterna. E quem salva as “pombas”, os “exilados”, os “tupinambás” é o Noé que abre as portas da Arca, isto é a França.

O France! c’ est à toi à qui elles s’adressent comme à um Noé, & à La fille aînée de l’ Eglise; te suppliant treshumblement lês genoux em terre, & les larmes aux yeux ( comme tu les vois au frontispice de liure) de leur ouvrir La porte, & leur Donner La main pour les introduire dedans icelle! (A, 6).

(O France!, a ti filha mais velha da Igreja é que elas se dirigirão como a um novo Noé! Rogar-te-ão, de joelhos em terra e lágrimas nos olhos, que lhes abras as portas e lhe estenda as mãos)

O missionário identifica “bem” no discurso indígena, ele parte de um conhecimento sobre a língua dos índios, no contexto indígena:

discours de *tapy Ouässou* rappor´t cy dessusau chapitre unziesme; ou Le lecteur pourra voir si luy plaist Ils ne delaisent pourtant d’auoir quelque connaissance d’ um vry Dieu comme l’ on peut voir par Le plusieurs particularitez de La croyence de ces Indiens, ne lês voulant rebatre icy. Em leur langage ils appellent Dieu, Toupan. Et quand il tone ils dissent que c’est Dieu qui fait tonner: de là vient qu’ ils appellant le tonnerre *Toupanremimogno*, c’ est à dire Dieu faict cela. (A,323 ).

(Existe, entretanto, entre eles, algum conhecimento de um deus verdadeiro, como se percebe do discurso de *Japi-açu* referido no capítulo XI, onde o leitor, se quiser, poderá encontrar alguns pormenores sobre as crenças desses índios. Em sua língua chamam a Deus *Tupã*; quando se verificam trovoadas, afirmam que Deus as envia, dando a denominação do trovão *Tupã-remimombã*, “ Deus fez isso”).

Mas por um lado se constrói a posição da autoridade divina, por outro lado, se constrói a posição de representante do diabo:

Il faut sçaouir que ses Barbiers sont certains personages dont le Diable se sert entre ces Indiens pour les tenir tousiours em susperstition. Ils sont là merueilleusement estimez de tout ce pauvre peuple Barbare qui a très grade croyance em tout ce qu’ ils disent. On les appellent *pajé*, c’ est à dire Barbiers. (A, 325).

(É preciso saber que esses curandeiros são personagens de que se utiliza o Diabo para manter viva a superstição dos índios; são muito estimados, entretanto, por esses bárbaros que lhes dão o nome de *pajé*, curandeiro).

Os pajés fazem também predições; eles são localizados, então, em uma posição interpretativa que eles vão falar com Tupã, mas agem com os companheiros há um discurso

de desmoralização da figura do pajé, que produz no discurso um efeito de apagamento da memória do índio, com o abandono de suas crenças.

O missionário salienta as qualidades naturais dos índios:

Quant à leur charité naturelle, em se distribuibus et faisans iournellement presens lês uns aux autres, dès venaisons , poissons, fruicts, et autres biens qu' ils ont em leur pays, ils l' exercent de telle façon que non seulement um sauuage, par maniere de dire, mourrit de honte s' il voyoit son prochain, ou son voisin aupres de soi auoir faute de ce qu' il a em as puissance, mais aussi, comme ie l' ay experimente, ils usent de mesme liberalité enuers lês estrangers leurs alliez. (L, 330).

(Mostram os selvagens sua caridade natural presenteando-se diariamente uns aos outros com veações, peixes, frutas e outros bens do país; e prezam de tal forma essa virtude que morreriam de vergonha se vissem o vizinho sofrer falta do que possuem; e com a mesma liberalidade tratam os seus aliados).

O mesmo processo pode ser encontrado, quando se leva em consideração o aspecto moral, com valores representados pela obediência, a piedade, a caridade, sob o prisma da natureza:

Ils sont fort liberaux en ces commencemens, diligens à la chasse et à la pesche, à fin de vous contenter et gagner vostre affection pour obtenirdes marchandises, mais prenez garde de ne Donner pas tanta au commencement, que vous ne lês reteniez tousiours en haleine, leur presentant de mois en mois quelque chosette.(E, 222).

(Eles são muito liberais no início, diligentes na caça e na pesca, a fim de vos contentar e ganhar vossa afeição pra obter mercadorias, mas evitai dar tudo no início, pois não os terás sempre em exercício. Presenteai-lhes cada mês com uma coisinha).

O discurso de conversão se apresenta como aquele que transforma uma “linguagem nova”.

*Linguis loquentur nouis*, ils parleront nouveaux languages. Vraiment nos Suuages de *Maragnan* parlent un langage bien nouveau, puis qu' aucun deuât nostre Mission sino ce *marata* Ancien, c' est à dire um dès Apostres de IESUS-CHRIST, duquel nous auons parlé cy deuant, ne leur appris à parler comme ils parlent à present à sçavoir, la profession du Christianisme, en recitant le Symbole des Apostres *Arobiar Toupan* &c.& parle à Dieu par l' Oraisõ Dominicale, *Orouue* & c. dresser leurs vies & leurs actions suiuant les commandemens de Dieus, *ymoeté yepé Toupan* &c. & selon les commandemens de l' Eglise. *Are maratecouare chumè* &c. lauer & fortifier leurs ames par les S. Sacremens. Iemongaraiue &c. (E, 313).

(Linguis loquentur nouis, eles falarão novas linguagens. Certamente nossos selvagens do *Maragnan* falam uma linguagem bem nova, pois ninguém antes antes de nossa missão senão esse *marata* Ancião, quer dizer um dos Apóstolos de IESUS-CHRIST do qual falamos mais acima, lhes ensinou a falar como eles falam agora, a saber, professando o cristianismo, recitando o Símbolo dos Apóstolos, *Arobiar Toupan*, falando a Deus pela Oração Dominical, *Orouue*, dirigindo suas vidas e ações segunda as leis de Deus, *ymoeté yepé Toupame* segunda as leis da Igreja, *Are maratecouare chumé &c.*, lavando e fortificando suas almas pelos S. Sacramentos. *Iemongaraïue & c.*).

A caracterização desta *língua nova* mostra uma relação do índio com a leitura: isto é, repetir unidades textuais estereotipadas, dentro de uma situação ritualística, e também seguir uma conduta moral a partir desses conhecimentos. A prática do missionário assenta-se sobre o princípio didático da imitação. Eles fazem os índios repetirem suas palavras, ações e exemplos. Para batizar os índios, por exemplo, os missionários exigem as “marcas”, as “provas” de seu desejo dessa tortura cristãs. Importa que os índios recitem as orações e repita os textos religiosos.

Nous gardions uniformemente cette methode, de ne basptiser aucun adulte S' il n'avoit donné dès marques, & de bonnes preuves de son desir d' être Chrétien par la fidelité à garde toutes les pratiques des Chrétiens, en sorte que nous les voulions voir Chrétiens d'oeuvres avant que de l' être de caractère (N, 40).

(Guardávamos uniformemente o método de não batizar nenhum adulto antes que desses sinais e provas de seu desejo de tornar-se cristão elo fidelidade às práticas respectivas, de forma que queríamos ter cristãos pelas obras antes de que pelo nome).

A língua indígena antes da conversão é a língua do diabo de “Jurupari”: a língua falada pelos “antepassados”, pelos “feiticeiros”, pelos “pajés”. A língua nova é a língua de Deus, de “tupã” dos “padres” e dos índios convertidos. Os discursos de conversão são feitos em latim, português, francês, mas principalmente em língua indígena, que os missionários aparecem para o uso na conversão.

## O DISCURSO DE CONVERSÃO: RELIGIÃO E INTERPRETAÇÃO

Existem pontos de identificação como discurso com o discurso religioso católico. Entre esses pontos estão: a existência do espírito, a existência de uma força superior,

um conhecimento da oração, a presença de uma posição interpretativa ( os pajés ) e a presença de uma posição política ( os chefes indígenas). A partir desses pontos nodais se desenrola o discurso da conversão, que promove um percurso, entre a memória do índio e do europeu, a Palavra de Deus tem outras vias interpretativas.

As leituras feitas ora se baseiam nas Escrituras, em um conhecimento e um discurso atribuído aos índios. Por vezes, o missionário parte do texto bíblico para explicar a realidade.

C' est ce que le Prophete Osee auoit predict long temps auparauant, lors que preuoyant em esprit, la conuersion de ceux qui habitent dans les isles maritimes, & au dela de la mer, il disoit, *Post Dominum ambulabunt, quase Leo rugiet, quia ipse rugiet, E formidabunt filij maris, Eauolabunt quase auis ex Aegypto, E quase columba de terra Assyriorum: E collocabo eos in domibus suis, dicit Dominus:* Ils chemineront apres Le Seigneur, il criera & rugira comme Le Lion, car luy memse rugira; & les enfans de la mer s' en espouanteront, & s'enuoleront d' Egypte comme l'oiseau; & comme la colombe de la terre des Assyriens, & ie les colloqueray en leurs maisons, dit le Seigneur. (A, 5).

(E isso foi o que disse há muito o profeta Oséias quando, ao prever a conversão dos habitantes das olhas marítimas e de além-mar, afirmou: *Post Dominum ambulabunt, quase leo rugiet, quia ipse rugiet, et formidabunt filij maris, et auolabunt quase auis ex Egipto, et quase columba da terre assyriorum: et collocabo eos in domibus suis dicit Dominus.* “Caminharão após o senhor e gritará e rugirá como um leão, e ele próprio rugirá; e os filhos do mar se aterrarão e fugirão do Egito, como as aves e as pombas da terra dos Assírios, e eu os porei em suas casas, disse o Senhor”).

Esses fragmentos de textos que predizem “os acontecimentos são explicados, em seguida, de acordo com a interpretação do missionário:”

Discours à la verité admirable! Qui sont ie vous pri ces bannis, & exilez em l'Occident sinon ces pauures Indiens *topinamba* de l' isle de *maragnam*, & des país circonuoisins? Lesquels voulans fuir la cruauté & tyrabbie de leurs ennemis ont este cōtrainct de quitter leur patrie, & lieux de leurnatiuité pour se refugier en ces isles maritimes, & lieux voisins de la mer où ils sont maintenant.(A, 6).

(Discurso em verdade admirável! Quem são esses banidos e exilados no Ocidente senão esses pobres índios *Tupinambás* da ilha do maranhão e terras circunvizinhas que, para fugir à crueldade e à tirania de seus inimigos, viram-se forçados a deixar sua pátria e as regiões em que nasceram para refugiar-se nessas ilhas marítimas e plagas próximas do mar em que se encontram agora?).

A história é construída no campo religioso. A origem dos índios é buscada nas profecias. Os fatos históricos são contextualizados no discurso religioso, por meio de versões de texto religioso em conformidade com os conhecimentos dos índios. Encontram-se muitos versos da criação e do dilúvio, tanto da parte dos índios, como por parte dos europeus.

## **OS RELATOS DE VIAJANTES**

Os relatos de viajantes e missionários são uma fonte textual complexa, que compreende diversas instâncias do saber: a política, a ciência, a religião com diversas modalidades discursivas: descrição, narração, enumeração. Incluímos neste trabalho relatos dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Há os relatos de viajantes: André Thevet e Jean de Léry, a saber: “Les singularités de la France Antarctique”, de 1557 e o de Jean de Léry: “Histoire d’un Voyage faite en La terre du Brésil autrement dite Amérique”, de 1578. Thevet veio com a expedição de Villegaignon, em 1555. Léry juntou-se à empreitada um pouco mais tarde, em 1557.

Thevet narra sua viagem por diversos países: sua saída da Europa, a passagem pela África e a América e o retorno ao continente europeu. A narração é de tom colonialista, retoma todo um imaginário da tradição grega e também da Idade Média. O mesmo acontece com Léry, ao relatar sua “Viagem à Terra do Brasil”. Estes textos constroem um imaginário para o Novo Mundo, um imaginário que reúne aspectos heterogêneos da realidade. Estes relatos tornam-se fontes de referência em certos textos, como os ensaios de Montaigne, escritos de poetas e muitos outros. Estes conhecimentos sobre o Novo Mundo desencadeiam uma série de reflexões na Europa, favorecendo assim a um rico imaginário.

## **OS RELATOS DE MISSIONÁRIOS**

Entre 1612 e 1615, houve outra empresa colonizadora francesa, desta vez no Nordeste do Brasil. Alguns religiosos, missionários capuchinhos franceses, como Claude d’Abeville e Yves d’Évreux, relatam sua viagem e prática catequética entre os índios. O discurso dos viajantes se dirige mais aos europeus, enquanto o discurso dos missionários dirige-se em grande parte aos índios.

“Rélacion succincte et sincère”, do frei capuchinho Martinho de Nantes, cuja primeira edição data aproximadamente de 1706. Os franceses foram expulsos do Maranhão, mas missionários franceses estão presentes em conventos capuchinhos e nas missões entre os índios, mas agora sob o domínio do reino português. Martinho de Nantes chegou ao Brasil, em 1671, em Pernambuco, onde havia um convento de sua ordem. Veio ajudar na pacificação de índios que habitavam junto às redondezas do Rio São Francisco. Havia sérios confrontos entre índios e portugueses, na disputa pela terra.

O relato de Nantes não se reduzia, como aconteceu em Abbeville e Évreux, a descrições detalhadas da viagem, da descoberta, das coisas desconhecidas. Nantes se atém com prioridade na narração das missões entre os índios, à narração dos conflitos envolvendo sesmeiros, governadores, superiores religiosos e autoridades do reino.

Os relatos de viajantes e missionários propõem-se a satisfazer essa curiosidade, a dar prazer aos leitores e a contentá-los com o conhecimento sobre o Novo Mundo. Era necessário que os viajantes prestassem conta aos superiores religiosos e aos franceses que faziam perguntas a respeito das *Índias Orientais*.

A falta de uma tradição de escrita nos moldes europeus é argumento, inicialmente, para a negação aos índios da possibilidade interpretativa. A escrita é para os europeus o que o conhecimento verdadeiro das coisas, em primeiro lugar, através das Escrituras Santas, depois pelo intermédio da ciência. Atribuindo aos índios a “ignorância” da escrita, os colonizadores dão um estatuto aos conhecimentos deles, classificando-os como “superstições”, “falsidades”. No entanto, é através desses conhecimentos, através do discurso do índio, que este é integrado na tradição escrita.

Et par ainsi sont fort curieux d’enseigner & reciter à leurs enfans les choses aduenuës, & dignes de memoire: & ne font les vieux & anciens lameilleure partie de la nuyt, après le reueil, autre chose que remonstrer aux plus ieunes: & de les ouyr vous diriés que ce sont prescheurs, ou lecteurs en chaire. (T, 102).

(E, de fato, os selvagens ensinam e recitam a seus filhos os acontecimentos dignos de memória. E nisso passam os velhos a maior parte da noite, depois que despertam, contando história aos mais novos. Vendo-os, julgareis que são pregadores ou mestres em suas cátedras).

Há, pois, uma fonte de memória entre os índios, que é mantida por tradição oral. Os índios são considerados bons discursadores, mas falta-lhes a instituição da escrita, que lhes permitiria chegar ao saber verdadeiro.

### **MARTIN DE NANTES: A LEITURA JURÍDICA**

Em “Relação sucinta e sincera,” em 1706, de Frei Martinho de Nantes, aparecerá o discurso jurídico. Fala sobre a conversão dos índios, mas das relações frente aos confrontos entre índios e portugueses, entre os missionários e autoridades, por causa das terras. A conjuntura trata da formação das vilas, onde se apresentam índios, proprietários de terra, eclesiásticos, governadores, com o estabelecimento de relações jurídicas entre protagonistas da cena social.

Nantes não faz muitas descrições dos aspectos naturais do Brasil. Concentra-se na narração da conversão, falando também dos obstáculos que surgem em sua missão. A leitura do relato serve para se avaliar a missão para instruir os que vêm ao país, e também para engajar o leitor na causa da missão.

*Je ne m'arrête pas à faire à Vôtre Grandeur une description exacte du fleuve de S. François, NY des Indiens qui habitent sur ses rivages, Le pere François de Lucé Capucin, témoin oculaire, en a faite une fort exacte (N, 6).*

(Não me detenho a fazer a Vossa Grandeza exata descrição do rio São Francisco, nem dos índios que habitam suas margens, uma vez que o padre Francisco de Lucé, capuchinho, testemunha ocular, já fez essa exata descrição).

O discurso de conversão de Nantes apresenta que há uma desordem política entre os índios pela falta de religião. É o discurso religioso que vem trazer um sentido político para a convivência dos índios nas vilas.

*Il ne faut pas s' étonner que Indiens, sans Foy, sans Loix, sans écriture & sans arts, soient tombés dans de si prodigieux desordres, puisque nos Histores nous apprennent que nos Ancêtres, dans l'aveglements Du paganisme, en ont commis d' effroyables par le motif de Religion même, quoy qu' ils eussent tous les autres avantages pour la vie civile & morale.(N, 15).*

(Não é de surpreender que esses índios, sem Fé, sem Leis, sem escrita e sem arte, hajam praticado desordens tão monstruosas, pois que nossa história no ensino que nossos ancestrais, na cegueira do paganismo, também foram

responsáveis por atitudes semelhantes, até mesmo em razão da religião que adotavam, conquanto tivessem os outros benefícios quanto à vida civil e moral).

O estado civil, isto é, a civilidade dos índios é alcançada através da conversão. Para obter os benefícios da vida civil, é preciso apresentar as marcas da devoção, os efeitos dos ensinamentos dos missionários, que se manifestam após as cerimônias do Batismo, do Casamento, Confissão etc.

Nantes apresenta seu relato de forma “sucinta e sincera”, com um estilo “simples”, não “retocado”, “sem palavras supérfluas”.

*Elle étoit d' une feüille de papier entire, & je croy que je n' ômettois rien de ce qui se peut dire pour faire connoître la verité & la sincerité de mon procede, le tout succinctement & clairement, n' y ayant pas une parole superfluë, ny éclaircissement à desirer. (N, 185).*

(Ocupava toda uma folha de papel, e eu não havia omitido nada do que pudesse dizer para levá-lo a conhecer a verdade e a sinceridade de meu procedimento, tudo escrito sucintamente e com a maior clareza, não havendo nenhuma palavra supérflua, nem esclarecimentos a acrescentar).

O discurso jurídico configura-se com a presença do discurso religioso no funcionamento argumentativo. Para isso Nantes utiliza “testemunhos”, “termos respeitosos”, “termos fortes e sucintos”, “cartas claras e sucintas”, embora utilize argumentos religiosos.

Apesar de seu interesse jurídico, Nantes relata uma visão impressionista do Novo Mundo, em que a paisagem é motivo de interpretação.

*Errant dans des solitudes vastes & affreuses, je fus surpris d' une certaine frayeur, & d'autant plus qu' il n'y avoit pas une feüille sur les arbres, ils étoient pour lour comme ils sont en France en temps d' Hiver, & ils ne secouvrent de feüilles que lorsque les pluyes viennent vers le mois de Février & Mars. Le chant lugubre de certains oiseaux augmentoit encore cette frayeur; tout cela me paroissant comme l' image de la mort. Deplus ce País-là est fort montagneux, & les montagnes sont fort hautes. (N, 67).*

(Errando por solidões vasta e aterradoras, fui surpreendido por um certo medo, tanto mais quanto não havia uma folha sobre as árvore, elas estavam então como são na França em tempo de inverno e não se cobrem de folhas senão quando vêm as chuvas por volta dos meses de fevereiro e março. O canto lúgubre de certos pássaros aumentava ainda esse terror: tudo isso me parecia como a imagem da morte. Além disso esse país é muito montanhoso e as montanhas são muito altas).

Quanto á religião dos índios, vamos encontra uma contradição fundamental que consiste na negação seguida da afirmação da existência da religião.

As negações são frequentes no discurso. Encontramos a citação: “nois avom dit que ces pauures gens vivoient sans religion, & sans loy: ce que est veritable”. Assim se fala da religião ao mesmo tempo se diz que não se trata de religião verdadeira, veja-se a presença de formas que conferem uma instabilidade referencial: “quelque religio”, “quelque cogitatio d’un Dieu”, “quelque puissance, quelque souveraineté”.

Et pource n’ y a nation tant barbare, que par l’ instinct naturel n’aye quelque religiõ, & quelque cogitatiõ d’um Dieu. Ils confessent donc tous estre quelque puissãce, & quelque souueraineté (T, 52).

(Porque não há nação tão bárbara, que por instinto natural não possua alguma religião, e algum conhecimento de um Deus. Todos confessam, pois existir alguma soberania ou poder extraordinário).

Nantes coloca em primeiro plano a questão de formação das “vilas” e da civilização dos índios. Desta forma, é discurso de conversão vem associado á formação política dos habitantes com a consistência de um determinado modelo de civilização:

Quant au premier, il faut supposer que ces pauvres Indiens, n’ ayant ny Foy ny Loix, ny Roy, ny arts, qui sont les aides & les guides d’ une vie raisonnable & politique, ils étoient tombés dans tous les desordres que peut causer ce défaut general [...] (N, 7).

(Quanto ao primeiro, devemos admitir que esses pobres índios, não tendo Fé, nem Lei, nem Rei, nem arte, que são ajudas e guias de uma vida racional e política, haviam caído em todas as desordens que podiam causar essas falhas gerais [...]).

O que se deve mudar não é somente o estado pajés, mas principalmente os costumes que levam à desordem e á libertinagem . O estado final do processo de conversão deve levar ao funcionamento da justiça:

Il y a maintenant de la subordination & de la justice. Les Officiers châtient les crimes publics; mais toujours avec douceur, sans laisser neanmoins de faire sentir suffisamment la peine aux delinquans pour les punir, & donner de la crainte aux autres.(N, 38).

(Há agora subordinação e justiça. Os oficiais castigam os crimes públicos; mas sempre com doçura, sem deixarem de explicar suficientemente o castigo aos delinquentes, mas só para puni-los, como para servir de exemplo).

As atividades de estabelecimento, distribuição e controle das noções jurídicas são marcadas por várias formas verbais como “introduzir”, “estabelece”, “administrar”, “formar”, “fazer sentir”, “punir”, “obrigar”, “assumir”, “obter”, “fazer renunciar”, “reprimir”.

Os missionários são apresentados no discurso religioso como chamados por Jesus Cristo, aparecem, no discurso jurídico, como chamados pelos “particulares” ou também como protetor dos índios.

Le Bresil est un exil & une retraite de plusieurs criminels, soit au tribunal de l' Inquisition, ou à l' autre Tribunal: ce Païs se remplit plus d' habitans défectueux & viieux que d' autres, parce qu' on vit dans Le Bresil avec beaucoup de liberte & de libertinagege, & le crime y regne assés impunément. (N, 121).

(O Brasil é um exílio e um retiro para diversos criminosos, condenados seja pelo tribunal de Inquisição, seja pela justiça comum. Esse país se encheu assim de mais habitantes viciosos do que de outros, pois que ali se vive com muita independência e libertinagem e os crimes raramente são punidos).

Os índios por sua vez são caracterizados principalmente no discurso da moral cristão; “pobres miseráveis”. Os portugueses também são caracterizados sob o ponto de vista jurídico. Os índios são apresentados ai como incapazes de exercer o discurso jurídico.

Ao falar de situações de viagem entre as aldeias, relata os perigos, Nantes relatava o crescimento das “vilas”, o inicio da separação cidades / campos.

Ce ne fut pas là le plus grand travail; car n' y ayant point de chemins battus, il nous fallout percer au travers de halliers épais & des forêts de cannes sauvages, grosses de la moitié du bras, & armées d' épines ter-fortes & très-belles à tous les noeuds, de la hauteur d' une picque ou davantage, entrelassées les unes dans les autres, & parce qu' elles s' abbatoient par leur propre poids les unes sur les autres, & qu' elles étoient très-serrées, il falloit que nos Indiens ouvrirent Le chemin au milieu à coups de grands coûteaux de lalongueur d' um pied & denny, coupant em haut & en ba pour passer dessous, comme sous une voûte [...]. (N, 65).

(Não foi esse o maior trabalho, pois que, não havendo caminhos batidos, era preciso romper moitas espessas e florestas de cana selvagem, ocas por dentro, mas grossas como um braço e cheias de espinhos fortes e rijos em todos nós, da altura de uma lança ou mais, entrelaçadas umas nas outras. E porque apoiavam o seu próprio peso umas nas outras, era necessário que os nossos índios abrissem o caminho por meio de facões do tamanho de um pé e meio, cortando do alto e baixo para passar por baixo, como sob uma abóbada [...]).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolhemos os discursos de Frei Martinho de Nantes, primeiramente pela importância pessoal de seu testemunho, bem como de sua formação jurídica. Outra justificativa se deveu ao fato de sua atuação ter acontecido em algumas áreas do Estado de Alagoas, sempre às margens do grande Rio São Francisco. Os padres capuchinhos não pertenciam ao Padroado português, pois, não eram nem enviados nem pagos pelo Rei, como os outros missionários. Estes tinham sido enviados por Roma, mantidos agora pela “Propagação da Fé”, organização criada pelo Papa, em 1622, justamente para poder enviar missionários mais livres, independentes dos governos para evangelizar os novos povos. Os primeiros que chegaram, portanto, foram os franceses, quando, em 1646, Portugal já havia feito as pazes com a nação francesa, aceitando a vinda de missionários às terras do Brasil. O mais dedicado foi, sem dúvida, Frei Martinho de Nantes. Eles e seus companheiros partiram de Olinda para os sertões do São Francisco e começaram aldeando os índios cariris, nas ilhas do grande Rio e alcançaram assim os sertões de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Após grandes conflitos com os poderosos da terra, citados aqui os membros da família de Dias d’Ávila, que, com exércitos bem armados, avançavam para matar os índios, exigiram dos padres capuchinhos a defesa corajosa dos índios. Em 1698, o Rei de Portugal rompeu sua aliança com o Rei da França e os frades capuchinhos franceses, então, foram expulsos do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ABBEVILLE, Claude d'. **Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et Terres circonvoisines**. Paris. Français Huby. 1614.

EVREUX, Yves d'. **Viagem ao Norte do Brasil**. Rio de Janeiro. Livraria Leite Ribeiro. 1929.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. Cascavel. Assoeste. 1987.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor – aspectos cognitivos da leitura**. Campinas. Pontes Editores. 1989.

LÉRY, Jean de. **Histoire d'un Voyage en la terre du Bresil**. Bordeaux. Centre Montaigne, 2000.

LÉRY, Jean de. **Viagem á Terra do Brasil**. Belo Horizonte, Itatiaia/Edusp, 1980.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1978.

NANTES, Martin de. **Relation succincte et sincère**. Salvador. Edição fac-similar publicada por Frederico G. Edelweiss, 1952.

ORLANDI, Eni Pucicelli. **Discurso e leitura**. Campinas. Cortez/Editora da Unicamp. 1988.

PÊCHEUX, Michel & FUCHS Catherine. **Análise automática do discurso**. (AAD-69), in Por uma análise automática do discurso. Campinas. Editora da Unicamp, 1990b p. 311-319.

PÊCHEUX, Michel. **Sur les contextes épistémologique de l'analyse de discours**. Paris. Mots. 1984

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**. Campinas. Editora da Unicamp. 1988.

ROCHA, Everardo G. P. **O que é Etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

THEVET, André. **Les singularités de la France Anthartique**. Paris. Le Temps. 1982.

YUNES, Eliana (Coord.) **A leitura e a formação do leitor.** Rio de Janeiro. Antares.1984.